

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS/MG
PEDAGOGIA
MAYRA APARECIDA RIBEIRO VALÉRIO

**ALFABETIZAR LETRANDO: a aprendizagem da escrita de forma contextualizada e
significativa**

Varginha
2017

MAYRA APARECIDA RIBEIRO VALÉRIO

ALFABETIZAR LETRANDO: a aprendizagem da escrita de forma contextualizada e significativa.

Monografia apresentada ao Centro Universitário do Sul de Minas Unis/MG, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Profa. Ma. Márcia Aparecida Resende.

**Varginha
2017**

MAYRA APARECIDA RIBEIRO VALÉRIO

ALFABETIZAR LETRANDO: a aprendizagem da escrita de forma contextualizada e significativa.

Monografia apresentada ao Curso de pedagogia do Centro Universitário do Sul de Minas, como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura pela Banca examinadora composta pelos membros:

Aprovado em: 18/05/2017

Ma. Márcia Aparecida Resende

Ma. Humberta Gomes Machado Porto

Ma. Vânia de Fátima Flores Paiva

Dedico este trabalho para três pessoas que foram primordiais para minha formação, que são minha mãe Maria de Fátima, minha primeira professora Ermínia Ribeiro e minha amiga (professora) Scheilla Oliveira, como forma de agradecimento pelo apoio, o carinho, o exemplo e a confiança que depositaram em mim durante todo o curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pelo dom da vida e pela oportunidade que tem me dado de utiliza-la com grande sabedoria. Agradeço minha família, minha mãe Maria de Fátima, meu pai Amarildo e meus irmãos Miguel, Aline, Alessandra e Maicom. Agradeço o carinho de meus queridos sobrinhos João Vitor e Maria Vitória, ao qual sou grata por cada gesto de esperança que me transmitem. Agradeço as minhas Vó Cida e Lena pela companhia. Agradeço os professores em geral da creche até o ensino superior, ao qual se não fossem o seu conhecimento, a dedicação e paciência que tiveram eu não teria realizado meu sonho, e agradeço em especial a minha professora Márcia Resende, pelo apoio, orientação e a paciência que teve comigo durante a construção deste trabalho. Agradeço meus amigos de sala em destaque Isabela e Sabrina, pelo companheirismo. Agradeço a instituição Unis-MG pela oferta do curso. Enfim agradeço todos aqueles que de uma maneira ou outra não só contribuíram pela minha formação científica, mas como cidadã de bem. Sou eternamente grata!

RESUMO

O objetivo deste trabalho bibliográfico é discutir a importância de se trabalhar a alfabetização e o letramento juntos, através de uma metodologia adequada para o melhor desenvolvimento do processo de alfabetização, considerando as exigências da sociedade grafocêntrica, com a diversificação dos gêneros textuais que circulam no cotidiano. Os resultados apontam a necessidade de revisitar os métodos de alfabetização na perspectiva do letramento, visando o desenvolvimento de práticas contextualizadas e significativas de uso dos textos em sala de aula, de modo que a alfabetização não se reduza a práticas mecânicas do ensino das relações entre grafemas e fonemas. O aluno precisa compreender, dar sentido e fazer a utilização adequada das habilidades de ler e escrever.

Palavras chaves: Alfabetização. Métodos de alfabetização. Letramento.

ABSTRACT

The objective of this bibliographical work is to discuss the importance of working together on literacy and literacy, through an adequate methodology for the better development of the literacy process, considering the demands of the grafocentric society, with the diversification of the textual genres that circulate in everyday life . The results point out the need to revisit literacy methods in the perspective of literacy, aiming at the development of contextual and meaningful practices of use of texts in the classroom, so that literacy is not reduced to mechanical practices of teaching relationships between graphemes And phonemes. The student needs to understand, make sense and make proper use of reading and writing skills.

Keywords: Literacy. Literacy methods. Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO UM DIÁLOGO PARA A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA E DA LEITURA.....	8
2.1 Conceituando alfabetização.....	8
2.2 Conceituando Letramento.....	12
3 METODOLOGIAS DE ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO LETRAMENTO.....	15
4 ALFABETIZAR/LETRANDO: da teoria à prática.....	20
4.1 Contextualização do trabalho pedagógico.....	21
4.2 A natureza reflexiva dos procedimentos de ensino.....	22
4.3 A interação no processo de ensino e aprendizagem.....	23
4.4 Eixo da compreensão e valorização da cultura escrita.....	23
4.4.1 Eixo da apropriação do sistema de escrita.....	24
4.4.2 Eixo da leitura.....	24
4.4.3 Eixo da produção de textos escritos.....	25
4.4.4 Eixo do desenvolvimento da oralidade.....	26
5 CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

A sociedade em que vivemos é considerada grafocêntrica, por ser repleta de textos comunicativos que utilizam a escrita para representação e expressão de ideias, pensamentos, intenções como também para regular o comportamento social. Assim, a inclusão cidadã dos indivíduos nessa sociedade orientada pela cultura escrita se dá por meio da alfabetização, ou seja, do domínio pleno do sistema de escrita e das habilidades para utilizá-lo como ferramenta no desenvolvimento das práticas letradas.

Considerando a importância do processo de alfabetização na inclusão social, o professor alfabetizador não pode entender por alfabetização apenas o processo mecânico de ensino da leitura e escrita. Alfabetização é um conceito amplo, que extrapola a simples apropriação dos códigos alfabéticos, dando ao indivíduo a autonomia de interagir com o mundo, representar a fala, transmitir conhecimentos e comunicar de maneira consciente diante as funções da escrita e leitura nos diferentes contextos sociais. Para a construção desse processo, é preciso que o professor alfabetizador tenha conhecimentos sobre a natureza do sistema de escrita, sobre os métodos de alfabetização e sua aplicabilidade no contexto das práticas de letramento, além de conhecer como ocorre a aprendizagem, ou seja, como os educandos se apropriam desse sistema de representação da fala e de interação entre as pessoas.

Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é compreender os métodos de alfabetização no contexto das práticas de letramento, considerando as exigências da sociedade grafocêntrica, com a diversificação dos gêneros textuais que circulam no cotidiano

Encontram-se em nossa sociedade pessoas que mesmo passando com êxito pelo processo de alfabetização têm dificuldades de fazer a ligação e atribuir significados para as práticas de leitura e escrita, utilizando-as de maneiras descontextualizadas e sem domínio nos diferentes contextos textuais, servindo de alvo para a exclusão da sociedade em que pertence. Por que esses dados ainda são tão altos? O que deve ser feito para que este fato não seja tão pertinente nos próximos anos?

O texto abordará três aspectos, sendo: a fundamentação conceitual da alfabetização e do letramento, a questão dos métodos de alfabetização e a aplicabilidade do conceito de alfabetizar/letrando em relação aos métodos de ensino.

Alfabetização durante décadas e ainda presente em nossas salas de aulas, é compreendida pelo professor como o processo que deve preparar os alunos apenas para as práticas de codificação e decodificação do sistema de escrita alfabética. Mas através dos dados nota-se que apenas o apropriamento dos códigos alfabéticos não garante a inclusão do

indivíduo na sociedade grafocêntrica, a qual pertencem, sendo necessário ir além do aprender a ler e escrever. Através dessa lacuna surge o conceito de Letramento como a capacidade do indivíduo de interpretar e utilizar com domínio a leitura e a escrita em suas diversas aplicação textual (bula, identidade, carta, receita...), ampliando e fundamentando as práticas educacionais do processo de alfabetização. Sendo também notável que durante esse mesmo contexto cronológico a diversificação de métodos para conduzir o processo de alfabetização era e é ampla, causando indagações sobre a escolha do método “milagroso” que resolveria os problemas da alfabetização.

Buscando encontrar soluções concretas, autores como Soares introduz para o processo de alfabetização, a importância do alfabetizar letrando tendo o método como um instrumento e não o principal recurso. Alfabetizar letrando segundo Soares é conduzir o domínio da escrita e leitura de uma maneira contextualizada e significativa para o aluno.

O segundo capítulo será apresentado o que venha ser alfabetização e letramento, iremos conceituar e apresentar relatos de suas funções na vida das pessoas.

No próximo capítulo o terceiro, iremos discutir as questões dos métodos conceituando-o e através de Soares mostrar que não existe um método milagroso e sim a preparação e a convicção de que o processo de alfabetização exige compromisso para que não se tenha fracasso.

O quarto e último capítulo de acordo com o objetivo geral desse trabalho, iremos abordar a importância de alfabetizar/letrando aliado ao método de alfabetização, para construção de um processo de alfabetização de qualidade levando-o aluno a compreensão do uso da escrita e leitura em suas diversas manifestações.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: um diálogo para a construção da escrita e da leitura

Na atualidade é comum encontrar indagações sobre o processo de alfabetização. São perguntas sobre como alfabetizar com eficiência os alunos, visando o desenvolvimento de competências para atender às necessidades da sociedade grafocêntrica. Ainda se questionam se a baixa qualidade da aprendizagem estaria nos métodos de alfabetização, nas atividades aplicadas, ou na construção dos conceitos que permeiam as práticas educacionais dos professores alfabetizadores. São perguntas como essas, e lacunas como a falta de domínio do uso da escrita e leitura nas práticas sociais, que fazem com que educadores e pesquisadores preocupados com as questões da alfabetização, estudem esses conceitos e investiguem as práticas realizadas nas escolas no intuito de ampliar a visão acerca do tema e buscar soluções para a melhoria do processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

2.1 Conceituando alfabetização

Vivemos em uma sociedade grafocêntrica, onde quase toda forma de comunicação está centrada na escrita e na leitura. Ex: pegar ônibus, anúncios, jornais, preencher documentos e etc. É por conta desses contextos, para que o indivíduo interaja na sociedade é preciso que ele seja alfabetizado e possua níveis cada vez mais elevados de letramento.

Mas, o que venha ser alfabetizado no contexto em que vivemos? Ser apenas alfabetizado é suficiente para compreender o mundo a sua volta? Através dessas perguntas que buscamos construir novas maneiras de pensar a alfabetização, e de planejar atividades que venham atender a necessidade dos sujeitos letrados no contexto social e cultural em que vivem.

O caminho da pesquisa em busca de respostas a essas indagações, apontou a necessidade de compreender melhor o termo alfabetização e ampliar a visão sobre os seus processos.

Alfabetização surgiu com a função de nomear as práticas de deciframento dos símbolos que utilizamos para a comunicação, sendo o processo de apropriação dos códigos alfabéticos para as práticas de codificar e decodificar uma sequência de letras, e assim formar palavras, frases e textos.

Costumo dizer que quem inventou a escrita foi a leitura: um dia, numa caverna, o homem começou a desenhar e encheu as paredes com figuras, representando animais, pessoas, objetos e cenas do cotidiano. Certo dia, recebeu a visita de alguns

amigos que moravam próximo e foi interrogado dos desenhos. Queriam saber o que representavam aquelas figuras e por que ele as tinha pintado nas paredes. Naquele momento, o artista começou a explicar os nomes das figuras e os fatos que os desenhos representavam. Depois, à noite, ficou pensando no que tinha acontecido e acabou descobrindo que podia 'ler' os desenhos que tinha feito. Ou seja, os desenhos, além de representar objetos da vida real, podiam servir também para representar palavras que, por sua vez, se referiam a esses mesmos objetos e fatos na linguagem oral. (CAGLIARI, 2009, p. 16)

Este processo de alfabetização que consistia na mecanização de decorar os símbolos alfabéticos, uma prática de ensino utilizada sem contexto ou atribuição de significado da leitura e escrita para o educando. Dava-se por satisfeito o indivíduo que aprendia a codificar e decodificar o sistema de escrita alfabético mesmo sem atribuição de significados ou contextualizando nas práticas sociais.

Na antiguidade, os alunos alfabetizavam-se aprendendo a ler algo já escrito e depois copiando. Começavam com palavras e depois passavam para textos famosos, que eram estudados exaustivamente. O trabalho de leitura e cópia era o segredo da alfabetização. Nota que essa atividade está diretamente ligada ao trabalho futuro que esses alunos irão desempenhar, escrevendo para a sociedade e a cultura da época. (CAGLIARI, 1998, p. 15)

Ainda segundo Cagliari (2009, p. 17), “a alfabetização nesses casos, dava-se com a transmissão de conhecimentos relativos à escrita de quem os possuía para quem queria aprender. Aprender a decifrar a escrita, ou seja, a ler, relacionando os caracteres às palavras de linguagem oral.” Aprendidos com pessoas que possuíam um domínio maior nas práticas de deciframento dos códigos da época, este ensino era passado longe das salas de aulas.

Cagliari (2009, p. 20) afirma que, para “alfabetizar nesse sistema de escrita bastava a pessoa decorar a lista dos nomes das letras, observar a ocorrência de consoantes nas palavras e transcrever.” Assim, de uma maneira mecânica aprendia a codificar e decodificar o sistema de escrita.

Através desses relatos pode perceber que o conceito de alfabetização está restrito às práticas de leitura e escrita.

Ocorrendo mudanças na forma de alfabetização das décadas de 80 e 90 até o presente século XXI, e ampliando o conceito para suprir as necessidades de uma sociedade repleta de significados que se diferenciam a cada contexto. Alfabetizado segundo Soares (2008) “deve levar à aprendizagem, não apenas a uma tradução do oral para o escrito e deste para aquele, mas oferecer a autonomia de recursos de articulação do texto e estratégias próprias de expressão/compreensão.”

Ainda é comum encontrarmos relatos que demonstram a focalização nas práticas da leitura e escrita de maneira descontextualizada, com indícios de um ensino decorativo do sistema de escrita. Isto pode ser constatado em livros e documentos que relatam o processo de alfabetização vivido por grandes escritores como Graciliano Ramos (1953):

Enfim consegui familiarizar-me com as letras quase todas. Aí me exibiram outras vinte e cinco, diferentes das primeiras e com os mesmos nomes delas. Atordoamento, preguiça, desespero, vontade de acabar-me. Veio terceiro alfabeto, veio quarto, e a confusão se estabeleceu [...]. Finalmente, o pai desistiu e entregou a tarefa à filha Mocinha, que ensinou Graciliano a soletrar. Depois de gaguejar sílabas durante um mês, o menino encontrou, no fim do livro, frases que soletrava, mas que era incapaz de compreender (CARVALHO, 2005, p. 14).

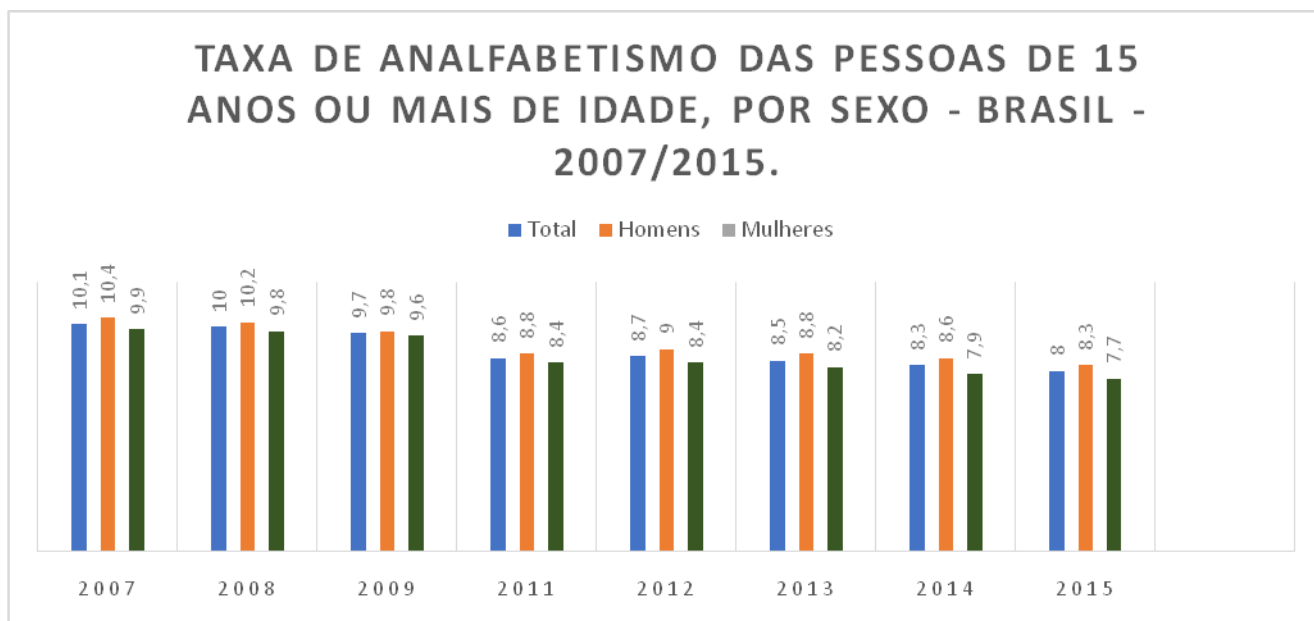
A focalização na aprendizagem mecânica dos códigos alfabéticos, também é percebida no relato da professora Danielle Felix que através do livro alfabetização e letramento: conceitos e relações, também apresenta o seu processo de alfabetização:

O que eu não esqueci até hoje, que para mim foi traumatizante, foi a minha experiência na alfabetização, o meu aprender a ler e escrever, porque foi assim: a gente usava uma cartilha onde a gente tinha que decorar mesmo aquelas sílabas e todos os padrões silábicos. E para mim foi traumatizante porque em casa minha mãe todo dia tomava a lição e para mim aquilo era uma chatice. E chegava na escola a professora cobrava individualmente e quando a gente errava era aquela tortura. Ela não admitia de forma alguma que a gente errasse (SANTOS, 2007, p. 11).

Devido a ênfase mecânica da escrita, deixando de lado toda a criação de significados, o processo de alfabetização deixa uma lacuna na inclusão dos alunos na sociedade. Desta forma Carvalho (2005, p. 66) afirma que “uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafofônicas, em outras palavras, sabe que sons as letras representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social”.

Trazendo essa questão do ser alfabetizado como aquele indivíduo que apenas consolidou o sistema de escrita alfabética para construção de palavras, “[...] se põe o foco na *faceta linguística*, o objeto de conhecimento é a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e das convenções da escrita” (SOARES, 2016, p. 29, grifo da autora).

Através dos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística) encontramos um grande número de pessoas que mesmo alfabetizadas encontram dificuldades para se comunicar por meio das práticas de escrita na sociedade a qual pertencem.



Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA, IBGE, 2017)

De acordo com Soares isto acontece porque as pessoas alfabetizadas possuem domínio da leitura e da escrita, sabem que a escrita é uma representação da fala, porém, isso não é suficiente para se sentir pertencentes a uma sociedade grafocêntrica e utilizar as práticas de leitura e escrita de maneira eficiente. (apud CARVALHO, 2005)

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não lêem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade para escrever um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações num catálogo telefônico, num contrato de trabalho, numa conta de luz, numa bula de remédio (SOARES, 1999, p.45).

Essas pessoas ficam excluídas de direitos sociais, como a educação escolar avançada e se tornam objeto de dominação no jogo de poder imposto pela cultura escrita hegemônica. As pessoas que não dominam com desenvoltura a leitura e escrita nas práticas sociais e se colocam à margem de oportunidades sócio-culturais são denominadas de “analfabetas funcionais”.

No que diz respeito à alfabetização especificamente, surge o conceito de ‘analfabetismo funcional’ para caracterizar aquelas pessoas que, tendo se apropriado das habilidades de ‘codificação’ e ‘decodificação’, não conseguiram fazer uso da escrita em diferentes contextos. (SOARES. 2003, p. 16)

Possuindo grande dificuldade de utilizar e representar a escrita de maneira correta nas diversas manifestações textuais, seja através de um simples bilhete ou até nos mais complexos textos presentes na sociedade como uma forma de se comunicar e expressar. Estes dados apontam a necessidade de ampliar as práticas de alfabetização criando novos termos e conceitos, para incluir mecanismo que juntamente com o ensino da leitura e escrita a escola ofereça para o aluno um processo de alfabetização mais significativo e relevante.

2.2 Conceituando letramento

Sendo vivenciados em países diferentes a mesma lacuna (a falta de domínio e habilidade para usar a escrita nas práticas sociais) o processo de alfabetização passou por uma ampliação e formação de conceitos mais estruturados para denominar novas práticas e resolver o problema que os educadores enfrentavam.

É curioso que se tenha ocorrido em um mesmo momento histórico, em sociedades distanciadas tanto geograficamente quanto socioeconomicamente e culturalmente, a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. Assim, é em meados dos anos de 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do letramento no Brasil, do *illettrisme*, na França, da *literacia*, em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado alfabetização, *alphabétisation*. (SOARES, 2003, p. 6)

Como uma forma de solucionar essa lacuna, o letramento foi conceituado como a capacidade de saber utilizar com domínio as práticas de leitura e escrita na sociedade, sendo uma forma de atender as necessidades de se comunicar de diferentes maneiras com o mundo, seja através de um simples bilhete ou a compreensão de um texto mais complexo.

Letramento é o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive: saber ler e lê jornais, revistas, livros, saber ler e interpretar tabelas, quadros, formulários, sua carteira de trabalho, suas contas de água, luz, telefone, saber escrever e escreve cartas, bilhetes, telegramas sem dificuldade, sabe preencher um formulário, sabe redigir um ofício, um requerimento. São exemplos das práticas mais comuns e cotidianas de leitura e escrita, muitas outras poderiam ser citadas. (SOARES, 2000, p. 2).

Ainda segundo Soares (2016, p. 26), é por volta dos anos de 1980 que essa lacuna é vista com mais preocupação, “o que exigiu, conseqüentemente, reformulação de objetivos e introdução de novas práticas no ensino da língua escrita na escola, que é exemplo a grande

ênfase que se passa a atribuir ao desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita” em diversos contextos textuais diferentes.

Magda Soares conceitua que letramento é ir além do possuir o domínio dos códigos alfabéticos para se comunicar. É necessário saber fazer o uso correto das relações grafonêmicas, usando a escrita e a leitura com sentido, buscando a liberdade e o melhor entendimento do que é proposto pela sociedade.

Letrada, no sentido em que estamos usando esse termo, é alguém que se apropriou suficientemente da escrita e da leitura a ponto de usá-los com desenvoltura, com prioridade para dar conta de suas atribuições sociais e profissionais. (SOARES, 1998 apud CARVALHO, 2005, p. 66)

Reafirmando suas concepções, Soares (2016) diz que o letramento deve levar o indivíduo não só a compreensão do ler e escrever, mas utiliza-lo nas práticas sociais, favorecendo a interação e a participação sociocultural do indivíduo com a leitura e escrita, dando a autonomia, a criatividade e a compreensão, ler o mundo em que se vive. Isso para Soares, deve ser feito dentro do processo de alfabetização, pois o mesmo deve buscar atender as 3 facetas capazes de incluir e criar um conhecimento significativo da leitura e escrita no indivíduo.

[...] basicamente, três principais facetas de inserção no mundo da escrita disputam a primazia, nos métodos e propostas de aprendizagem inicial da língua escrita: [...] a faceta *interativa* da língua escrita – a língua escrita como veículo de interação entre as pessoas, de expressões e compreensão de mensagens; a faceta *sociocultural* da língua escrita – os usos, funções e valores atribuídos à escrita em contextos socioculturais, estas duas facetas consideradas **letramento**.(SOARES, 2016, p. 29, grifo do autora)

Dessa forma, letramento tem a ver com a escrita e seu impacto social, isto é, o indivíduo se apropriando da escrita e usando-a em seu contexto social de forma ativa, enquanto na alfabetização o sentido da escrita permanece restrito às competências individuais no uso e na aplicação do sistema alfabético e o desenvolvimento da consciência fonológica. O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita, ou seja, vai além do ato de ler e escrever, remete a um nível superior, ao nível de compreender e se apropriar do conhecimento tomando proveito dele.

Analisando os conceitos de letramento e alfabetização, percebe-se que são conceitos distintos, mas seria um retrocesso acreditar que somente o ato de codificar e decodificar o sistema de escrita alfabética é necessário para o ingresso do indivíduo na sociedade. Do mesmo modo que seria um equívoco acreditar que apenas a habilidade de reconhecer a função

dos gêneros textuais faria a inclusão no mundo em que se vive. O mundo solicita muito mais do que saber ler e escrever, é necessário ter o domínio dessas práticas.

Desse modo, compreende-se a necessidade de alfabetizar e de promover o desenvolvimento das práticas de letramento, ou seja, alfabetizar e letrar, que, segundo Santos e Albuquerque (2007, p. 93), significa “[...] propiciar aos aprendizes a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos não é meramente trazer para a sala de aula exemplares de textos que circulam na sociedade. Ao se ler ou escrever um texto, tem-se a intenção de atender a determinada finalidade. É isso que faz com que a situação de leitura e escrita seja real e significativa”.

3 METODOLOGIAS DE ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO LETRAMENTO

Quando se fala em alfabetizar, logo se pensa que o primeiro desafio do professor está na escolha do melhor método de alfabetização que irá utilizar. Ou seja, a busca pelo método que melhor atenda aos alunos e que garanta o sucesso na aprendizagem é a primeira indagação feita pelos os professores.

Por quase um século, esses esforços se concentraram, sistematicamente e oficialmente, na questão dos métodos de ensino da leitura e da escrita, e muitas foram as disputas entre os que se consideram portadores de um novo e revolucionário método de alfabetização e aqueles que continuavam a defender os métodos antigos e tradicionais. (MORTATTI, 2006, p. 3)

Além disso, o problema do analfabetismo e os baixos níveis de letramento, o chamado analfabetismo funcional¹, impulsionam os debates em torno da alfabetização e a busca por soluções metodológicas mais eficazes na aprendizagem. Muitas pessoas acreditam que através de um métodos “milagroso” vai ser possível solucionar os problemas da alfabetização, em especial, acabar com o analfabetismo funcional que é resultado de práticas inadequadas de ensino da língua escrita.

No entanto, desde a disseminação dos estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, a respeito do processo de aprendizagem da língua escrita na perspectiva construtivista, pesquisadores e educadores brasileiros vêm buscando novas formas de ensinar a ler e escrever. Os métodos tradicionais de ensino da leitura passaram a ser questionados, devido a ênfase dada aos exercícios mecânicos de repetição e memorização e o uso de textos sem significado para a criança, feitos exclusivamente para alfabetizar, em um processo centrado no professor e não no sujeito que aprende.

A introdução dos estudos sobre o letramento também trouxeram impactos importantes na concepção de alfabetização, bem como nas práticas de ensino.

Assim, a partir dos anos de 1980, a questão central da alfabetização deixou de ser o ensino (escolha do melhor método) e passou a se preocupar com a aprendizagem do aluno, buscando identificar os processos cognitivos que estão subjacentes à aquisição da escrita,

¹ [...] As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não lêem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade para escrever um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações num catálogo telefônico, num contrato de trabalho, numa conta de luz, numa bula de remédio ... (SOARES, 1999, p. 45).

compreender as hipóteses da criança e o conhecimento que ela já possui antes mesmo de inserir no espaço escolar. Isto significa que é preciso o olhar atento do alfabetizador ao utilizar o método de alfabetização como um recurso para promover não só as capacidades linguísticas da escrita, mas os aspectos socioculturais e interativos da escrita.

Nesse sentido, Soares (2016, p. 334, grifo da autora) defende:

Em outras palavras, o que se propõe é que uma alfabetização bem-sucedida não depende de um **método**, ou, genericamente, de **métodos**, mas é construída por aqueles/aquelas que alfabetizam compreendendo os processos cognitivos e linguísticos do processo de alfabetização, e com base neles desenvolvem atividades que estimulem e orientem a aprendizagem da criança, identificam e interpretam dificuldades em que terão condições de intervir de forma adequada – aqueles/aquelas que **alfabetizam com método**.

O método em si não vai dar conta de alfabetizar. É a interação com o objeto da escrita e a intervenção adequada do educador com atividades estimulantes que poderão garantir o sucesso na alfabetização. Até porque cada método possui procedimentos distintos com ênfases e lacunas que precisam ser complementadas pelos professores. Assim é um erro acreditar que existe um método de alfabetização capaz de atender a todos, pois cada um através de suas especificidades possui vantagens e desvantagens.

Uma reflexão sobre a questão dos métodos de alfabetização evidencia que as causas de que os métodos tenham sido, e continuem sendo, uma questão é que cada um deles privilegia determinada função, determinada faceta, determinados pressupostos teóricos, ignorando ou marginalizando os demais. Toma-se uma parte do objeto como se fosse o todo, o que lembra a conhecida história dos cegos e o elefante:² (SOARES, 2016, p. 32)

Ainda, segundo Soares (2016, p. 50) “[...] métodos de alfabetização não atuam autonomamente, sem limitações ou obstáculos; constituídos de procedimentos de interação entre alfabetizador(a) e alfabetizandos, [...] em um contexto escolar inserido em determinada comunidade socioeconômica e cultural.” Entende-se, assim, que a questão dos métodos como o único causador da lacuna deixada não é real, existem diversos fatores que se não forem levados em conta a aprendizagem será prejudicada.

²Trata-se de uma história tradicional da Índia que o poeta americano Jonh Godfrey Saxe (1816-1887) divulgou no mundo ocidental em um poema, “The Blind Men and the Elephant”.

Seis homens cegos tentam descobrir como é um elefante. O primeiro toca a barriga do animal, e afirma que ele é como uma parede; o segundo toca a presa, e discorda: um elefante é como uma lança; o terceiro toca a tromba, e declara que o animal é como uma serpente; o quarto toca a perna, e contesta: não, um elefante é como uma árvore; o quinto toca a orelha, e defende que ele é como um leque; finalmente o sexto toca o rabo, e assegura que o elefante é como uma corda. Conclusão: cada cego está certo em parte, mas todos estão errados [...] (SOARES, 2016, p.32)

Mas, que fatores seriam esses? A própria autora nos responde através da abordagem das facetas da alfabetização:

[...] no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento (SOARES, 2004, p. 14).

Para Soares, os métodos tradicionais tomavam os dois processos, alfabetização e letramento, como procedimentos separados, independentes, sendo que a aprendizagem do sistema convencional de escrita, o aprender a ler como decodificação e a escrita como codificação, deveria preceder o letramento. Isso implicava em atividades descontextualizadas, feitas apenas para ensinar a mecânica da escrita, enquanto o desenvolvimento de habilidades textuais de leitura e escrita, o convívio com diferentes gêneros e portadores de textos, como também a compreensão das funções da escrita ficavam para depois ou sequer eram trabalhados. Ou seja, a ideia era que, primeiro ensinava-se o domínio do código para depois ensinar a utilizá-lo. Ainda segundo Cagliari (2009, p.82, grifo do autor) “um dos objetivos importantes da alfabetização é ensinar a criança a escrever [...] Espera-se que a criança no final de um ano de alfabetização, saiba a escrever e não que saiba escrever tudo e com correção absoluta. [...]O grande problema nesse caso é que **a escola ensina a escrever sem ensinar o que é escrever**, joga com as crianças sem lhe dizer as regras do jogo.” Permitindo que a criança construa uma visão errada do que venha ser a função da escrita e leitura na vida social.

No entanto, sabemos que alfabetização e letramento:

Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p. 14).

Desse modo, o que se defende é a perspectiva metodológica do “alfabetizar letrando”, na qual “o modo como o professor conduz o seu trabalho é crucial para que a criança construa o conhecimento sobre o objeto escrito e adquira certas habilidades que lhe permitirão o uso efetivo do ler e do escrever em diferentes situações sociais” (MACIEL e LÚCIO, 2008, p. 31).

O conceito de “alfabetizar letrando” é assim traduzido por Magda Soares:

Alfabetizar/letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revista, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos (SOARES, 2000, p. 2).

A esse respeito, Goulart (2010, p. 446) acredita que a aprendizagem da escrita pode ser considerada como o domínio de uma tecnologia se analisada do “ponto de vista de uma habilidade de relacionar fonemas e grafemas” para sujeitos que se encontram em processo de alfabetização. A defesa da autora, todavia, é que a escola privilegie tanto o ensino da escrita como tecnologia quanto a escrita como conhecimento político-social da realidade, considerando seu papel e suas funções sociais. A autora expressa assim a sua visão sobre o processo de alfabetização no contexto do letramento:

Se continuamos preocupados com a construção de uma sociedade politicamente justa, o universo social semioticamente constituído é o ponto de partida e de chegada das práticas alfabetizadoras. O mundo letrado gera significado para as crianças de variadas maneiras; de dentro desse mundo, aos poucos, vão discretizando o sistema de escrita e dele se apropriando, de forma, íntegra e engajada (GOULART, 2010, p. 450).

E, nessa perspectiva, a autora afirma a necessidade de que a escola assuma a proposta de “letrar alfabetizando”, de modo que a alfabetização “[...] vá além da substituição de sons por letras e da interpretação simples e chegue à reflexão sobre os significados políticos e sociais dos discursos;” (op. cit., p. 451), possibilitando que as pessoas compreendam os sentidos construídos com a cultura escrita.

Eleger como foco, ou dar um destaque excessivo, nos processos de alfabetização, às relações entre unidades sonoras e unidades gráficas, ou a relações de referência do tipo de leitura e de escrita de palavras associadas a desenhos, levando crianças, jovens e adultos a pensar que estas são linguagem escrita, é continuar criando a ilusão da alfabetização. É sonegar conhecimento. Continuaremos a ampliar a legião de analfabetos funcionais, apostando na descontextualização vertiginosa do sistema alfabético, retirando da escrita o caráter público e histórico em que os discursos e os sentidos se constroem e polemizam (GOULART, 2010, p. 452).

Analisando implicações dos conceitos de alfabetização e letramento na sala de aula, Maciel e Lúcio (2008) problematizam questões da prática de alfabetizar e letrar, discutindo possibilidades para um trabalho que, de fato, favoreça o uso efetivo do ler e do escrever em diferentes situações sociais. Segundo as autoras, os professores encontram muitos desafios para fazer a articulação entre a teoria e a prática, ou seja, eles reconhecem a necessidade de um trabalho interativo com diversos gêneros textuais em sala de aula, mas ainda assim “[...]”

recorrem basicamente a pseudotextos no trabalho de alfabetização” (p. 17). Há também aqueles professores que acreditam que o processo de letramento deve ser iniciado somente depois que as habilidades específicas da alfabetização tenham sido desenvolvidas, tratando alfabetização e letramento de forma dissociadas.

Nesse sentido, Maciel e Lúcio (2008) defendem que a atividade de alfabetizar e letrar é de ordem política, o que exige do professor domínio e conhecimento sobre o que vai ensinar, além de atitude frente às questões do letramento como um fenômeno complexo que envolve a constituição de relações sociais por meio da escrita. A partir dessa compreensão, é que serão definidos procedimentos metodológicos adequados no sentido de “[...] viabilizar a formação de um sujeito que não apenas decodifica/codifica o código escrito, mas que exerça a escrita nas diversas situações sociais que lhe são demandadas” (p. 32).

A partir dessas considerações, abordaremos na sequência procedimentos teórico-práticos do alfabetizar letrando, de modo a compreender como é possível construir uma didática da alfabetização que englobe tanto os aspectos específicos da apropriação do sistema de escrita, quanto a sua funcionalidade nas práticas sociais.

4 ALFABETIZAR LETRANDO: da teoria à prática

Conforme abordagem feita no capítulo anterior, a concepção atual de alfabetização implica na compreensão da interdependência entre alfabetizar e letrar. Para tanto, é necessário fazer a interação dos aspectos específicos da alfabetização (consciência fonológica e fonêmica, identificação das relações fonema–grafema, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita), com as práticas de letramento nas quais as crianças estão envolvidas em seu cotidiano.

O alfabetizar letrando é definido por Soares (2016) como a prática de trazer significado para o que o educando está estudando, é orientá-lo a saber codificar e decodificar a escrita em suas diversas funções.

Ainda de acordo com Soares, não é necessária uma avalanche de novos métodos, pois se entende que método é um instrumento, sendo assim, o professor alfabetizador deve promover meios de ligação entre as três estruturas, método, alfabetização e letramento na construção da escrita e leitura. Para não alfabetizar sem centralizar nas práticas de leitura e escrita, e nem só na compreensão dos gêneros textuais.

Soares enfatiza que o processo de alfabetização deve buscar o trabalho com as três funções da escrita e leitura, que são elas:

[...] faceta linguística, o objeto de conhecimento é a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e das convenções da escrita, objeto que demanda processos cognitivos e linguísticos específicos e, portanto, desenvolvimento de estratégias específicas de aprendizagem e, conseqüentemente- alfabetização. Se põe o foco na faceta interativa, o objeto são as habilidades de compreensão e produção de textos, o objeto que requer outros diferentes processos cognitivos e linguísticos e outras e diferentes estratégias de aprendizagem e ensino. Finalmente, se se põe o foco na faceta sociocultural, o objeto são os eventos sociais e culturais que envolvem a escrita, o objeto implica conhecimentos, habilidades e atitudes específicos que promovam inserção adequada nesses eventos, isto é, em diferentes situações e contextos de uso da escrita. (SOARES, 2016, p. 30)

Recorrendo Cagliari (2009, p. 37) “linguística é o estudo científico da linguagem. Está voltada para a aplicação de como a linguagem humana funciona e de como são as línguas em particular, quer fazendo um trabalho descritivo previsto pelas teorias, quer usando os conhecimentos adquiridos para beneficiar outras ciências e artes que usam, de algum modo, a linguagem falada ou escrita.” Sendo possível em segmentar o estudo da consciência linguística em fonética, fonológica, morfológicas...

Mas como trabalhar esses conceitos e funções dentro do processo de alfabetização?

Neste caso é preciso uma fundamentação teórica, do que é necessário trabalhar em cada etapa do processo. O professor alfabetizador deve ser bem objetivo nas metas que deseja atingir com seus alunos, recorrer aos diferentes gêneros textuais contextualizando e manipulando de acordo com a sua necessidade de aprendizagem.

Toda didática ou procedimento de ensino deve ser pensado em termos teórico-metodológicos, em um processo reflexivo de modo que a sua prática não seja uma mera aplicação de regras ou técnicas. Assim Gomes e Monteiro (2005, p. 57), apresentam três princípios metodológicos, com os quais compactuamos, para embasar práticas de alfabetização.

- 1- Contextualização do trabalho pedagógico
- 2- A natureza reflexiva dos procedimentos de ensino
- 3- A interação no processo de ensino e aprendizagem

4.1 Contextualização do trabalho pedagógico

A contextualização é a maneira de dar sentido àquilo que se ensina e se aprende. No caso do ensino do SEA, é necessário que as letras e os sons estudados estejam relacionados a contextos que tenham significado para os alunos. Não se deve trabalhar com letras ou fonemas isolados de palavras e textos.

Deve-se dar a oportunidade ao indivíduo de compreender e presenciar a realidade da escrita e leitura do seu cotidiano, de acordo com MEC (2012, p. 07) “as práticas de linguagem são mediadas por instrumentos culturais e históricos, ou seja, por gêneros textuais. Se a escola investe no ensino dos gêneros estará facilitando, portanto, a apropriação dos usos da língua. Explica ainda MEC apud Schneuwly (2004, p. 24) ‘que o instrumento, para se tornar mediador, para se tornar transformador da atividade, precisa ser apropriado pelo sujeito; ele não é eficaz senão à medida que se constroem, por parte do sujeito, os esquemas de sua utilização’” O professor deve estabelecer ligação do que se ensina com o que se vive, trazer a realidade, deixando de lado, cartilhas e textos superficiais e distantes de seus alunos.

Através de relatos podemos perceber a prática contextualizada e significativa sendo realizada dentro das salas de aulas, no processo de alfabetização.

A professora desenvolveu um Projeto Didático que buscou investigar a Biodiversidade e a preservação ambiental na Mata Atlântica e conseguiu integrar os componentes curriculares Língua Portuguesa, Ciências, História e Geografia. Inicialmente, a docente teve acesso a uma primeira versão desse projeto elaborado pelos alunos de Pedagogia da UFPE: Gilberto Moreira, Aline Guedes, Fabiana Moraes e Jéssika Anna e resolveu problematizar na sua sala de aula essa questão do

cuidado com os animais e da riqueza de nossa fauna. A partir das ideias lançadas no projeto que tinham em mãos, professora e estudantes, juntos, fizeram as devidas adequações, acrescentaram outras atividades e começaram a estudar o tema. A vivência durou 10 aulas e culminou com uma exposição aberta de fichas técnicas contendo os dados científicos dos animais e de um cartaz educativo sensibilizando as pessoas para a necessidade de preservar o pouco que restou da nossa Mata Atlântica. Para introduzir o projeto, na primeira aula, a professora espalhou pelas paredes da sala imagens e nomes de diversos animais da Mata Atlântica e conversou com os alunos sobre o tema, buscando resgatar seus conhecimentos. Para motivar ainda mais, após essa conversa inicial, a professora leu e explorou o livro “Você sabia?”. (BRASIL, 2012, p. 12)

Através dessa prática de ensino a professora, não só fez o trabalho para desenvolver um dos objetivos da alfabetização, como também ampliou os conhecimentos e a ligação de disciplinas com o mesmo tema. O professor ao propor essa atividade busca desenvolver não só a escrita, mas como a linguística, a leitura não verbal, permite que o aluno faça uma inferência, pense, presencie e fale sobre o assunto.

4.2 A natureza reflexiva dos procedimentos de ensino

Ainda utilizando o relato da professora sobre sua atividade a professora propõe outra atividade, buscando trabalhar o reconhecimento das letras do alfabeto, a diferença de letra, sílabas, posição inicial e final das letras na palavra.

Com esta estratégia, Célia está colaborando para que os alunos, ainda em processo de alfabetização, reflitam sobre os princípios do sistema de escrita e possam, por exemplo, perceber que palavras diferentes variam quanto ao número, repertório e ordem de letras, reconhecer as letras do alfabeto por seus nomes e contar oralmente as sílabas de palavras. Estes são, portanto, direitos de aprendizagem fundamentais para a progressão da aprendizagem das crianças. (BRASIL, 2012, p. 15)

Os procedimentos de ensino devem propiciar a reflexão por parte dos alunos, favorecendo as habilidades metalinguísticas, que se baseiam na capacidade de reflexão consciente sobre os fatos linguísticos, na relação entre escrita e fala. Normalmente as crianças chegam na escola com algum conhecimento sobre o sistema de escrita, e são capazes de formular hipóteses sobre o seu funcionamento. Contudo, é preciso que o processo de alfabetização seja conduzido de forma reflexiva e sistemática para que o alfabetizando desenvolva uma compreensão adequada acerca do SEA, bem como se aproprie das habilidades necessárias para ler e escrever (GOMES; MONTEIRO, 2005).

4.3 A interação no processo de ensino e aprendizagem

É através da interação que o sujeito confronta suas formas de pensar e reelabora hipóteses de modo a avançar na compreensão. O processo de reflexão, análise e construção do SEA é favorecido com a troca de informações e com a intervenção pontual e adequada do outro. Assim, a organização do trabalho pedagógico é fundamental e decisivo no processo de aprendizagem dos alunos.

Criar contextos mais favoráveis de ensino-aprendizagem depende, certamente, das interações entre os alunos e entre professor e alunos. Tais interações serão concretizadas tanto pela estrutura das atividades desenvolvidas, que devem envolver alunos e professores em diferentes discussões temáticas, quanto pelas propostas de encaminhamento dos exercícios: em duplas, troca dos exercícios feitos em sala, discussões coletivas em torno dos resultados das respostas dadas aos exercícios. (GOMES; MONTEIRO, 2005, p. 59).

Considerando esses três princípios metodológicos, Gomes e Monteiro (2005, p. 61-62) sugerem os seguintes procedimentos didáticos na condução das atividades de ensino e aprendizagem do SEA:

- Comparação:** focalização de mais de um aspecto do SEA.
 - Identificação:** focalização de um só aspecto do SEA.
- Cópia:** produção que requer do aluno atenção para os aspectos formais do SEA.
- Decomposição e composição de palavras e frases:** dois procedimentos que se articulam.
 - Codificação e decodificação:** procedimentos básicos de leitura e escrita.
 - Aplicação das regras do SEA:** desafio para os alunos pensarem no funcionamento do sistema.
 - Escrita sem modelo:** procedimento que cria uma situação de aprendizagem e possibilita o diagnóstico das hipóteses da criança.
 - Trabalho em grupo:** procedimento de cooperação com o processo de aprendizagem do colega e de ampliação das próprias elaborações.
 - Reconhecimento de palavras e unidades maiores no texto:** procedimento que auxilia a fluência da leitura.

Os cinco eixos propostos para o trabalho com os primeiros anos da alfabetização também estão fundamentados na metodologia do alfabetizar letrando.

4.4 Eixo da compreensão e valorização da cultura escrita

Este eixo busca fazer com que o aluno saiba reconhecer, utilizar e valorizar as diversas formas em que a escrita se manifesta, seja através de cartas, anúncios, bilhetes, artigos,... é o levar a criança ao contato com os diferentes gêneros textuais presentes na sociedade que são fontes de comunicação, informação e socialização através da escrita. “A cultura escrita diz respeito às ações, valores, procedimentos e instrumentos que constituem o mundo letrado. Esse processo possibilita aos alunos compreenderem os usos sociais da escrita e pedagogicamente, pode gerar práticas e necessidades de leitura e escrita que darão significados às aprendizagens.” (MEC, 2007, p. 19) já que fazem parte de uma sociedade grafocêntrica.

4.4.1 Eixo da apropriação do sistema de escrita

Apropriação da escrita busca dar ao indivíduo o conhecimento de como utilizar a escrita, dominar as convenções gráficas, reconhecer unidades fonoaudiológicas como sílabas, rimas, terminações de palavras, etc, conhecer e utilizar diferentes tipos de letras (de fôrma e cursiva).

ALFABETIZAR LETRANDO
ATIVIDADE: Apropriação do sistema de escrita
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Livro O CARTEIRO CHEGOU ➤ Através de um tema gerador, propor atividade para reconhecimento das letras e suas posições nas palavras.

4.4.2 Eixo da leitura

Eixo da leitura, não só busca capacitar o aluno à compreensão e decifração do código escrito, à produção de sentido da escrita. Permitindo o aluno compreender textos, desenvolver fluências em leitura.

A leitura é uma prática social que envolve atitudes, gestos e habilidades que são mobilizados pelo leitor, tanto no ato de leitura propriamente dito, como no que antecede a leitura e no que decorre dela. Assim, o sujeito demonstra conhecimentos de leitura quando sabe a função de um jornal, quando se informa sobre o que tem sido publicado, [...] Dizendo de outra forma, depois que um leitor realiza a leitura, os textos que leu vão determinar suas futuras escolhas de leitura, servirão de contraponto para outras leituras, etc. (BRASIL, 2012, p. 40)

ALFABETIZAR LETRANDO
ATIVIDADE: Leitura
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Levar à biblioteca, proporcionando o contato com diversas formas de ler a escrita (poema, música, carta, soneto) ➤ Dispor-se a ler os escritos que organizam o cotidiano da escola (cartazes, avisos, circulares, murais) ➤ Estimular a leitura para o colega. ➤ Usar o dicionário

4.4.3 Eixo da produção de textos escritos

Propiciar a construção de textos, estimulando a escrita, o reconhecimento de diferentes formas é escrita os gêneros textuais, dando a autonomia de expressar, se comunicar com o outro através da escrita.

ALFABETIZAR LETRANDO
ATIVIDADE: Produção de textos escritos
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Ler em voz alta para eles histórias, notícias, propagandas, avisos, cartas circulares para os pais. ➤ Trazer para sala de aula textos escritos de diferentes gêneros, em diversos suportes ou portadores e explorar esse material com os alunos (para que servem, a que leitores se destinam, onde se apresentam, como se organizam, de que tratam, que tipo de linguagem utilizam) ➤ Construção de histórias em quadrinhos; ➤ Escrever cartas para pessoas, parentes que moram longe;

4.4.4 Eixo do desenvolvimento da oralidade

Trabalha a valorização de cada cultura linguística, mostrando a diversidade linguística presente em nosso país. Trabalho de enriquecimento do saber ouvir com atenção; usar a língua falada em diferentes situações escolares, buscando empregar a variedade linguística adequada.

ALFABETIZAR LETRANDO
ATIVIDADE: Oralidade
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Leitura em voz alta; ➤ Produzir o jornal falado ➤ Proporcionar ao aluno contato com diferentes funcionários escolar (diretora, supervisora, serviço gerais, bibliotecária, alunos)

Com relação às práticas de ensino do SEA, Morais (2012) também traz importantes contribuições no quarto e no quinto capítulos de seu livro “Sistema de escrita alfabética”.

Em síntese, o autor faz reflexões e sugestões sobre as atividades que:

- Envolvem a reflexão de aspectos fonológicos das palavras;
- Exploram palavras estáveis, como os nomes próprios e outras palavras já familiares para os alunos;
- São feitas montando e desmontando palavras com o alfabeto móvel.

Através dessas práticas de ensino que busca trabalhar a alfabetização e o letramento juntos, o professor consegue não só ensinar a escrita e a leitura, mas fazer com que os alunos compreendam a importância da codificação e decodificação do sistema de escrita alfabética toda sua estrutura e função, permitindo que o aluno possa se sentir autônomo da sua fala e escrita.

5 CONCLUSÃO

Alfabetização, letramento e métodos de alfabetização são temas que devem ser pensados e repensados conceitualmente como também na sua estrutura e sua função, visando o desenvolvimento de práticas cada vez mais significativas. Nota-se através de cada conceito, que cada um tem a sua especificidade, buscando concluir com êxito os objetivos traçados. Não podemos dizer ou considerar que o processo de alfabetização é apenas a apropriação dos códigos alfabéticos para a ação de codificar e decodificar o sistema de escrita, pois ele deve ir além das cartilhas descontextualizadas e das atividades mecânicas.

Conclui-se que a questão da escolha do método de alfabetização é apenas uma parte do trabalho, considerando a necessidade de alfabetizar e de promover o desenvolvimento das práticas de letramento, ou seja, alfabetizar e letrar. Assim, torna-se necessário o olhar atento do professor para, através de seus conhecimentos e práticas, utilizar aquele procedimento que mais atenda às necessidades de seus alunos, buscando interligar de uma maneira significativa os conceitos linguísticos, interativos e socioculturais nas atividades, por meio do trabalho de alfabetizar e letrar aliados a uma metodologia de alfabetização, para construção de uma aprendizagem significativa para o aluno.

Os resultados deste trabalho apontam a necessidade de revisitar os métodos de alfabetização na perspectiva do letramento, visando o desenvolvimento de práticas contextualizadas e significativas de uso dos textos em sala de aula, de modo que a alfabetização não se reduza a práticas mecânicas do ensino das relações entre grafemas e fonemas. O aluno precisa compreender, dar sentido e fazer a utilização adequada das habilidades de ler e escrever.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Elina Borges Correia de. Conceituando alfabetização e letramento In: SANTOS, F Santos; MENDONÇA, Márcia (Org.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relação**. Belo Horizonte: Autentica, 2007. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/imagens/pdf/Formacao/Alfabeizacao_letramento_Livro.pdf>. Acesso em: 03 maio 2016.
- BRASIL **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: o trabalho com os diferentes gêneros textuais em sala de aula: diversidade e progressão escolar andando juntas, Brasília: MEC, 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/imagens/pdf/Formacao/Ano_3_Unidade_5_MIOLO.pdf>. Acesso em: 31 maio 2017.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá- bé- bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GOMES, Maria de Fátima Cardoso; MONTEIRO, Sara Mourão. **A aprendizagem e o ensino da linguagem escrita**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. (Coleção Alfabetização e Letramento).
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil em Síntese**: Educação, taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais. 2017. Disponível em: <<http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>>. Acesso em: 03 maio 2017.
- MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**, Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf>. Acesso em: 05 maio 2016.
- RAMALHO, Priscila. Entrevista com Ana Maria Machado. **Nova Escola**, Rio de Janeiro, set. 2001. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-deve-dar-prazer-423594.shtml>>. Acesso em: 03 maio 2016.
- SOARES, Magda B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: **Revista Brasileira de Educação**- ANPED, n. 25 . Rio de Janeiro: Autores Associados, jan., fev., mar., abr. de 2004.
- SOARES, Magda. Métodos de alfabetização: uma resposta à questão. In: **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 334